

# JOSÉ GREGORI

## FÉ EM DEUS E AMIZADE DE FHC PARA VENCER CRÍTICAS

Lauro Rutkowski  
Da equipe do Correio

Advogado paulista José Gregori poderia não ser o defensor dos direitos humanos que é hoje. Poderia, aliás, até estar do outro lado da trincheira, apoiando aqueles que defendem a pena de morte, a prisão perpétua e punições medievais para criminosos. Teria motivo para ser sua própria negação: o desejo de vingança.

Em 1944, seu pai, Henrique Gregori Júnior, foi morto a tiros em uma emboscada patrocinada por um empregado demitido.

"Dizem que eu defendo direitos de bandidos, de terroristas, de guerrilheiros. Que só me preocupo em privilegiar criminosos e seqüestradores. Dizem que falo sem conhecimento da dor das vítimas. Eu também sei o que é ser vítima de violência", diz José Gregori, secretário nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, sem levantar o vozeirão que o credenciou, nos tempos de estudante, a ser orador do Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito da USP.

Na semana que passou, Gregori recebeu críticas por defender a extradição dos nove estrangeiros que participaram, em 1989, do seqüestro do empresário Abílio Diniz, o principal executivo do grupo Pão de Açúcar. Gregori disse que o acordo sobre a extradição dos canadenses poderia ser votado em breve no Senado. O presidente da casa, senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), esbravejou em altos decibéis: "Cabe ao ministro da Justiça dar opinião sobre a transferência dos presos e não uma autoridade de segundo escalão".

### IDÉIAS NADA POPULARES

Gregori não retrucou. Motivo número um: tem absoluta certeza de que está correto, embora reconheça que suas idéias estão longe de ser populares desde a época em que percorria prisões atrás de presos políticos durante a ditadura militar. No período de 1972 a 1982, andou de masmorra em masmorra atrás de militantes de esquerda desaparecidos. Era integrante da Comissão Justiça e Paz da arquidiocese de São Paulo, que presidiu de 1978 a 1982.

Gregori não mistura na mesma gaveta os seqüestradores de Diniz com os guerrilheiros que procurava nas celas do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) nos anos 70 e 80. Na sua opinião, o novo abacaxi que repousa em suas mãos não passa de um crime comum com alguma "névoa política". Na opinião de Gregori, o fog é provocado pelo fato de os

estrangeiros do caso Diniz afirmarem que queriam US\$ 30 milhões para financiar revoluções socialistas em El Salvador.

O secretário diz defender a extradição baseado na lei. "Os seqüestradores cumpriram oito anos e meio de suas penas, já bastante rigorosas, que variam de 26 a 28 anos. Poderiam estar em regime aberto, mas a Justiça tem negado a eles esse direito", diz Gregori. Pelas leis brasileiras, a progressão de regime poderia ser autorizada a partir do cumprimento de um sexto da pena (4,6 meses no caso dos condenados a 28 anos).

Motivo número dois para a calma de Gregori diante das críticas: o secretário sabe que não é uma autoridade de segundo escalão, apadrinhada por algum político, muito menos um adesista de última hora do atual governo. É amigo pessoal do presidente Fernando Henrique Cardoso há 41 anos. É íntimo, daqueles que não precisam pedir licença para entrar no Palácio do Planalto ou no Palácio da Alvorada para dois dedos de prosa a qualquer hora do dia ou da noite.

### CRÍTICAS DA ESQUERDA

Nos três anos do governo Fernando Henrique, Gregori tem sido simplesmente o responsável pela política de direitos humanos do Brasil. Ele e o presidente se conheceram em um automóvel, conduzido pelo ex-deputado Fernando Gasparian, rumo a uma palestra sobre o quadro eleitoral do país em 1957. "Ele me causou grande impressão, ainda que tivesse um invólucro muito esnobe, que perdeu ao longo da carreira política", lembra Gregori. Vinte anos mais tarde, em 1977, na casa de Gregori em São Paulo, um grupo de amigos do MDB, entre eles Mário Covas, Eduardo Suplicy e José Serra, decidiu que era hora de lançar o então príncipe da Sociologia (como era conhecido Fernando Henrique) na política. Convenceram Fernando Henrique a disputar o Senado.

Durante o regime dos generais-presidentes (1964-1985), o católico Gregori participava da Comissão Justiça e Paz e, na sua tentativa de evitar derramamento de sangue, foi criticado pelos radicais de esquerda (que o consideravam moderado demais por não defender a luta armada contra os militares) e de direita (que o qualificavam como um agitador bem preparado, porém, sempre um agitador).

A serenidade de Gregori diante da tragédia familiar (a morte do pai) e dos xingamentos de políticos do calibre de um ACM é fundamentada em dois princípios: a fé em Deus e a certeza de que é longo o caminho dos

Wanderlei Pozzembom



### DEFESA POLÊMICA

Apesar de considerar o seqüestro do empresário Abílio Diniz um crime comum com "alguma névoa política", José Gregori acredita que a extradição dos criminosos estrangeiros está baseada na lei

homens até a Justiça.

A religiosidade foi uma semente plantada em sua vida pela mãe. Católica, dona Esther era devota do Padre Pio (1887-1968), um sacerdote italiano que misteriosamente apresentava ferimentos parecidos com os provocados em Jesus Cristo no momento da crucificação. O religioso exibia sangrentas chagas nas mãos e nos pés. Era conhecido por curas milagrosas e pela vida simples. "O Padre Pio é um bom protetor. Não é agora que ele vai me faltar", garante Gregori.

### UM LUGAR PARA SE PENSAR

A fé foi importante para superar o trauma da morte do pai. Dono do famoso Café São Paulo, no Largo da Carioca, Henrique Gregori tombou na frente do Hotel dos Estrangeiros (no bairro do Flamengo — no mesmo local em que, 29 anos antes, morreu o senador gaúcho Pinheiro Machado, com uma faca cravada nas costas por um doente mental). "Aquele é um lugar para se caminhar pensando", filosofa José Gregori, que tinha nove anos na época do assassinato do pai.

A certeza de que a Justiça e a imprensa conceitos antagônicos começou a se cristalizar na juventude, mas foram precedidos de explosões típicas de verdes anos. Estudante de Direito da Universidade de São Paulo no começo do anos 50, José Gregori era um

líder estudantil respeitado, mas bem mais afoito que hoje.

O estudante Gregori comandava passeatas e mais passeatas contra o então presidente, Getúlio Vargas, que vivia na corda bamba, tentando conciliar os interesses dos trabalhadores e do empresariado. A implicância dos estudantes vinha de longa data. "Não perdoávamos Getúlio pelo Estado Novo. Queríamos acertar as contas". O Estado Novo foi um regime ditatorial implantado no período de 1937 a 1945 por um golpe de Estado promovido por Vargas, que retornaria à presidência em 1950, desta vez pelas urnas.

Vargas suicidou-se com um tiro no peito em 1954, diante da pressão dos partidos de oposição e das Forças Armadas, já cansados de equilíbrio. O sangue de Vargas mudou para sempre o jovem José Gregori. "A morte causou a maior comoção na história do Brasil. O povo foi às ruas querendo vingança contra os opositores de Vargas. No dia seguinte ao suicídio, entrei num bar e vi quatro homens chorando enquanto ouviam as notícias da morte no rádio. Ali, tive certeza: travei a batalha errada ao combater Vargas. Foi o dia mais triste do Brasil. Entrei em profunda depressão", lembra.

A partir do segundo tiro na sua vida, a moderação entrou em pauta para ficar. Já formado, Gregori foi trabalhar no gabinete de Santiago Dantas, o ministro das Relações Exteriores do presidente João Goulart. O emprego nasceu do acaso. Gregori havia parti-

cipado de um programa de televisão da TV Tupi defendendo a tese de que Cuba e os países do Ocidente deveriam firmar um amplo termo de compromisso. A tese era de Santiago. Apresentado ao ministro por um amigo comum, Gregori virou seu chefe de gabinete. E sempre foi lembrado para o posto por outras pessoas: trabalhou com Marcos Freire (Ministério da Reforma Agrária, no governo José Sarney), Renato Archer (Ministério da Previdência, também no governo Sarney), Marcílio Marques Moreira (Ministério da Fazenda, no governo Fernando Collor de Mello) e Nelson Jobim (Ministério da Justiça no governo Fernando Henrique).

### LUTA PELOS DESAPARECIDOS

Virou político com mandato por algum tempo. Foi deputado estadual em São Paulo de 1983 a 1987 (obteve 46,8 mil votos), mas não conseguiu os mil votos que o levariam para a Câmara dos Deputados (conquistou 67 mil). Desistiu da urnas.

Durante o governo Fernando Henrique, Gregori saltou da condição de chefe de gabinete e de autor da lei prevendo indenizações para mortos e desaparecidos no regime militar para o cargo de secretário nacional de Direitos Humanos. A criação da secretaria foi prevista no Plano Nacional de Direitos Humanos do governo, escrito pelo paciente Gregori. Em seu pla-

"EU TAMBÉM SEI O QUE É SER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA"

"A MINHA SINA É SER INCOMPREENSÍVEL. JÁ ME ACOSTUMEI COM ISSO"

"DIGO SEMPRE PARA OS LÍDERES DO MST SIGAM O EXEMPLO DO VICENTINHO, DA CUT, QUE NÃO PRECISOU INVADIR FÁBRICAS PARA GANHAR RESPEITO"

"PERCEBI QUE ESTAVA PERDENDO CONTATO COM A FAMÍLIA POR CAUSA DO MEU TRABALHO. UM DIA MEU NETO ME PERGUNTOU: VOVÓ, VOCÊ AINDA FAZ PARTE DA FAMÍLIA?"

"MEXER NO PASSADO SEM REVANCHISMO, SEM RANCOR, MAS MEXER. SOU DIALÉTICO: TEMOS QUE AVANÇAR UM POUCO E RECUAR UM POUCO PARA CONSEGUIR O QUE QUEREMOS"

"ELE PRESTA UM DESSERVIÇO AO PAÍS" (GENERAL NEWTON CRUZ, EX-CHEFE DO SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES, SNI, DURANTE O REGIME MILITAR)

"GREGORI DÁ PRESTÍGIO AO GOVERNO FERNANDO HENRIQUE. JÁ O GOVERNO FERNANDO HENRIQUE NÃO LHE DÁ PRESTÍGIO ALGUM" (DALMO DALLARI, JURISTA E AMIGO DE GREGORI)

no, defendia o fim do julgamento de crimes contra a vida cometidos por policiais militares em tribunais especiais - o que aconteceu com a aprovação de uma lei de autoria do deputado Hélio Bicudo (PT-SP). Dentro do governo, teve problemas com o segundo ministro da Justiça, o senador Iris Rezende (PMDB-GO), defensor da família PM. Iris disse que mexer nas polícias não era prioridade do Palácio do Planalto. Depois de uma conversa com Gregori, ficou sabendo que era, sim. Iris deu o troco mais tarde: desconsiderou todas as sugestões de uma comissão presidida por Gregori para elaborar projetos de mudança sobre os órgãos de segurança do país.

Gregori manteve a calma e simplesmente limitou suas conversas com Iris ao mínimo necessário. Iris também gostou da solução.

Aos 63 anos, o libiano Gregori passou incólume pelas agruras da ditadura e pela tensão da vida agitada. "Sou invicto em fraturas e em ataques cardíacos. Nunca quebrei um osso, nem tive ataque cardíaco", comemora.

Gregori diz estar feliz ao lado da companheira de 40 anos, a também advogada e militante pelos direitos humanos Maria Helena, que lhe deu três filhas (Maria Stella, Maria Filomena e Maria Cecília). Este ano, Gregori foi avô pela quarta vez. A propósito: o assassino do pai de Gregori foi preso e condenado, mas o secretário nunca se interessou em investigar o destino final do criminoso. "Acredito na Justiça divina. Deus vai julgar a todos", afirma